



Artigo Periódico publicado em: Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana - EBPF

Estudos de Psicanálise | Limeira-SP | N. 64 | p. 14 | setembro/2026

RESUMO: Este artigo analisa como as transformações corporais, familiares e sociais próprias da adolescência mobilizam processos de luto e participam da reorganização da identidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de revisão bibliográfica narrativa, fundamentada nas contribuições de Sigmund Freud, Anna Freud, Arminda Aberastury, Mauricio Knobel, Donald Winnicott e Erik Erikson, em interlocução com dados atuais da Organização Mundial da Saúde, do UNICEF e da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2024. A partir da concepção freudiana do luto como trabalho psíquico diante da perda de pessoas, posições ou ideais investidos libidinalmente, examinam-se os lutos pelo corpo infantil, pela identidade e pelos papéis da infância, pelos pais idealizados e pela condição infantil de dependência. Discute-se que a reconstrução identitária não implica o apagamento da infância, mas sua integração em uma narrativa capaz de articular passado, experiência presente e projetos futuros. As oscilações afetivas, as defesas, a vinculação grupal e a contestação das referências parentais são compreendidas como tentativas de elaboração e diferenciação, sem que sejam automaticamente consideradas manifestações psicopatológicas. Os indicadores contemporâneos de sofrimento emocional e insatisfação corporal demonstram, entretanto, que essa travessia ocorre sob pressões sociais concretas e pode demandar cuidado clínico e interdisciplinar. Conclui-se que a reorganização da identidade depende tanto da elaboração das perdas simbólicas quanto da existência de ambientes familiares, escolares e sociais capazes de oferecer reconhecimento, limites, sustentação emocional e espaço para experimentação. O luto pela infância permite que o adolescente preserve sua história sem permanecer aprisionado à posição infantil, construindo formas progressivamente mais próprias de existir.

Palavras-chave: Adolescência; Luto; Identidade; Psicanálise; Desenvolvimento Emocional.

Aprovado pelo comitê de ensino-pesquisa em: 09 de setembro de 2026

O LUTO PELA INFÂNCIA E A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Como as transformações corporais, familiares e sociais mobilizam processos de luto e participam da reorganização identitária

Dra. Sarah Munhoz

Publicado em: EBPF

23 de setembro de 2026



INTRODUÇÃO

A adolescência não constitui apenas uma passagem cronológica entre a infância e a vida adulta. Ela designa um trabalho psíquico desencadeado pela puberdade e intensificado pelas novas exigências familiares, escolares e sociais. O corpo se transforma antes que o sujeito disponha de palavras suficientes para reconhecê-lo como próprio; os pais deixam de ocupar o lugar idealizado da infância; os vínculos com os pares ganham centralidade; e o futuro começa a apresentar-se como escolha, responsabilidade e incerteza. Nesse intervalo, o adolescente precisa despedir-se de modos infantis de existir sem apagar a criança que integra sua história. A construção identitária depende, portanto, menos de uma ruptura absoluta com o passado do que de sua reelaboração.

O problema norteador deste artigo é: *como as transformações corporais, familiares e sociais da adolescência mobilizam processos de luto e participam da reorganização da identidade?* A hipótese sustentada é que o luto adolescente é um processo estruturante, no qual investimentos libidinais, identificações e posições relacionais são revistos. Quando encontra continência ambiental, reconhecimento e possibilidades de simbolização, esse trabalho favorece a apropriação do corpo sexuado, a diferenciação em relação às figuras parentais e a criação de pertencimentos e projetos. Quando o ambiente exige maturidade prematura, recusa as mudanças ou abandona o jovem diante delas, o conflito pode intensificar-se e assumir formas de retraimento, atuação, agressividade, sofrimento corporal ou desinvestimento.

A leitura proposta articula Sigmund Freud, Anna Freud, Arminda Aberastury, Mauricio Knobel, Donald Winnicott e Erik Erikson. Embora esses autores pertençam a tradições teóricas distintas, suas formulações convergem ao reconhecer a adolescência como período de reorganização, e não como simples déficit de estabilidade. Freud oferece a metapsicologia do luto, da puberdade, das identificações e do desligamento das autoridades parentais; Anna Freud descreve o recrudescimento pulsional e as defesas mobilizadas pelo ego; Aberastury e Knobel sistematizam os lutos fundamentais do adolescente; Winnicott situa a imaturidade, a dependência e a função sustentadora do ambiente; e Erikson compreende a crise entre identidade e confusão de papéis como tarefa psicossocial decisiva.

Essa discussão possui relevância clínica e social. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 14,3% das pessoas entre 10 e 19 anos vivem com alguma condição

Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana – EBPF

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP

CNPJ: 64.959.622/0001-24 | Site: www.ebpf.com.br | Instagram: @ebpf.escoladepsicanalise



de saúde mental, e depressão, ansiedade e transtornos comportamentais figuram entre as principais causas de adoecimento e incapacidade nessa faixa etária (OMS, 2025). Esses números não autorizam patologizar a adolescência, mas indicam que a travessia subjetiva ocorre em condições históricas concretas, atravessadas por desigualdade, violência, pressão de pares, normas de gênero e exposição contínua a imagens idealizadas. Distinguir turbulência evolutiva de sofrimento que requer cuidado é, assim, uma responsabilidade ética.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de revisão bibliográfica narrativa. O corpus teórico principal foi constituído por obras de Freud, Anna Freud, Aberastury e Knobel, Winnicott e Erikson, selecionadas por sua contribuição à compreensão do luto, da puberdade, das defesas, da identidade e das relações entre adolescência e ambiente. A interlocução contemporânea recorreu a artigos indexados em SciELO e PePSIC, além de dados institucionais da Organização Mundial da Saúde, do UNICEF e da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2024, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2026.

A análise foi organizada em quatro eixos: 1) O luto como trabalho psíquico; 2) As perdas relativas ao corpo, à identidade e aos pais da infância; 3) A reorganização identitária e psicossocial; e 4) As condições ambientais e culturais que podem facilitar ou dificultar a elaboração. Por se tratar de revisão narrativa, o estudo não pretende esgotar a literatura nem estabelecer relações causais entre mudanças adolescentes e transtornos mentais. Os dados epidemiológicos são utilizados para contextualizar formas atuais de sofrimento, preservando a distinção entre experiência normativa, conflito psíquico e condição psicopatológica.

JUSTIFICATIVA

A adolescência costuma ser descrita socialmente por seus sinais mais visíveis: instabilidade, contestação, mudanças de humor, preocupação corporal, afastamento familiar e intensa vinculação aos pares. Quando tais manifestações são tomadas isoladamente, corre-se o risco de reduzir o adolescente a um problema de comportamento. A perspectiva psicanalítica desloca a pergunta: em vez de indagar

Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana – EBPF

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP

CNPJ: 64.959.622/0001-24 | Site: www.ebpf.com.br | Instagram: [@ebpf.escoladepsicanalise](https://www.instagram.com/ebpf.escoladepsicanalise)



apenas por que o jovem se opõe, pergunta-se o que ele tenta perder, preservar e criar por meio dessa oposição. O comportamento torna-se uma via de acesso a um processo mais complexo de separação, simbolização e autoria.

A atualidade amplia a pertinência do tema. A PeNSE¹ 2024 revelou que 28,9% dos estudantes brasileiros de 13 a 17 anos disseram sentir tristeza na maioria das vezes ou sempre; 18,5% relataram sentir que a vida não valia a pena ser vivida; e 32% referiram vontade de se machucar intencionalmente nos 12 meses anteriores. A insatisfação ou grande insatisfação com o próprio corpo atingiu 27,2%, chegando a 36,1% entre meninas e 18,2% entre meninos. Apenas 58% declararam satisfação corporal, ante 66,5% em 2019 e 70,2% em 2015 (IBGE, 2026). Os indicadores não medem diretamente o luto pela infância, mas tornam visíveis experiências corporais e afetivas que podem dificultar a integração identitária.

A contribuição deste artigo consiste em evitar duas simplificações igualmente problemáticas. A primeira é considerar todo sofrimento adolescente uma expressão normal do crescimento, negligenciando situações de risco. A segunda é medicalizar conflitos próprios da reorganização psíquica, apagando sua dimensão simbólica, familiar e social. Uma clínica rigorosa precisa reconhecer a singularidade, avaliar intensidade, duração, prejuízo funcional e risco, e escutar o sentido que determinado sintoma assume na história do sujeito.

OBJETIVO GERAL

Compreender de que maneira as transformações corporais, familiares e sociais da adolescência mobilizam processos de luto e participam da reconstrução da identidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o conceito freudiano de trabalho de luto e sua aplicação às perdas simbólicas da adolescência;

¹ A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) é um inquérito realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), voltado à investigação das condições de vida, dos comportamentos e dos fatores de risco e proteção relacionados à saúde dos estudantes brasileiros.



- Discutir os lutos pelo corpo, pela identidade, pelos papéis e pelos pais da infância;
- Examinar o papel das defesas, das identificações, dos pares e do ambiente familiar na reorganização identitária;
- Articular as contribuições de Winnicott e Erikson à compreensão da dependência, da imaturidade e da crise de identidade;
- Contextualizar o fenômeno diante de indicadores atuais de saúde mental e imagem corporal de adolescentes no Brasil e no mundo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Luto como Trabalho Psíquico e a Puberdade como Exigência de Reorganização

Em Luto e melancolia, Freud (1914-1916) amplia o conceito de perda para além da morte de uma pessoa. O objeto perdido pode ser também uma abstração, um ideal, uma posição ou uma forma de pertencimento. Essa formulação permite pensar a infância como objeto de luto: não porque desapareça da memória, mas porque o sujeito já não pode ocupar o mesmo corpo, depender do mesmo modo nem sustentar integralmente as identificações e garantias infantis. Nas palavras de Freud (2010, p. 171), *“o luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.”*.

O trabalho de luto exige o reconhecimento gradual de que a antiga configuração não pode ser mantida. A libido investida nas representações do que foi perdido não se retira de uma só vez; ela é remanejada por meio de lembranças, afetos, fantasias e novas ligações. Na adolescência, esse processo não culmina no esquecimento da infância. Seu resultado desejável é a integração: aquilo que foi vivido deixa de governar como presente absoluto e passa a compor uma história apropriada pelo sujeito. O passado infantil transforma-se em memória e recurso identificatório, enquanto novos investimentos se tornam possíveis.

Freud (1901-1905), nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, descreve a puberdade como momento de novas metas sexuais e de reorganização das pulsões parciais. O acontecimento biológico introduz uma exigência de trabalho psíquico: o



corpo genitalizado altera a relação com o prazer, o olhar do outro e as fantasias incestuosas reativadas. Em Romances familiares, Freud (1906-1909) mostra ainda como o afastamento da autoridade dos pais constitui uma operação dolorosa e necessária. O adolescente precisa relativizar os pais reais e deslocar investimentos antes concentrados na família, movimento que envolve hostilidade, culpa, idealização e decepção.

O luto adolescente difere do luto por morte, pois o objeto permanece presente e se transforma. O corpo infantil não desaparece totalmente: persiste na memória corporal e no modo como o sujeito foi olhado. Os pais continuam vivos, mas deixam de ser os pais onipotentes da fantasia. A identidade infantil não é eliminada, mas perde sua condição de resposta suficiente à pergunta “quem sou?”. Por isso, o trabalho se realiza diante de perdas ambíguas. É necessário abandonar uma posição sem possuir de antemão a forma definitiva daquela que a substituirá.

Anna Freud e as Defesas Diante do Recrudescimento Pulsional

Anna Freud (1978) compreende a adolescência como período de intensificação do conflito entre as exigências pulsionais e as instâncias do ego e do superego. A relativa estabilidade alcançada na latência é perturbada pela puberdade. O adolescente pode mobilizar ascetismo², intelectualização, deslocamentos de afeto, identificações intensas e oscilações entre dependência e independência. Tais defesas não devem ser interpretadas automaticamente como sinais de estrutura patológica; elas podem representar tentativas de obter distância psíquica diante de um corpo e de desejos vividos como excessivos.

O ascetismo procura controlar a emergência pulsional mediante proibições que atingem alimentação, sono, prazer e conforto. A intelectualização converte conflitos afetivos em problemas abstratos e debates gerais. Ambas oferecem proteção temporária, mas se tornam preocupantes quando rígidas, empobrecem a vida ou

² Na teoria psicanalítica de Anna Freud, o ascetismo designa um mecanismo defensivo especialmente observado na adolescência, caracterizado pela tentativa de controlar ou rejeitar as exigências pulsionais por meio de restrições impostas ao próprio corpo e às experiências de prazer. Pode manifestar-se pela recusa de necessidades corporais, como alimentação, sono, conforto e satisfação sexual, funcionando como uma defesa diante da intensidade das transformações pulsionais próprias da puberdade. Quando se torna rígido ou excessivo, pode comprometer a integração entre corpo, desejo e identidade (FREUD, A., 1978).



colocam o corpo em risco. A tarefa clínica não consiste em desmontar apressadamente toda defesa, mas em compreender sua função e favorecer modos menos onerosos de ligação entre afeto e representação.

A contribuição de Anna Freud permite compreender por que o adolescente pode parecer contraditório sem estar sendo deliberadamente incoerente. Ele pode desejar cuidado e recusar ajuda, idealizar alguém e logo desprezá-lo, defender valores universais e agir impulsivamente. Essas oscilações expressam um ego que tenta negociar entre dependências antigas, urgências pulsionais e exigências externas novas. O conflito adquire valor evolutivo quando pode ser vivido sem que o ambiente responda com humilhação, abandono ou controle invasivo.

Os Três Lutos e a Reorganização da Identidade

Aberastury e Knobel (1981) sistematizam três lutos fundamentais: 1) Pelo corpo infantil, 2) Pela identidade e pelo papel infantis e 3) Pelos pais da infância. Acrescentam o luto pela bissexualidade infantil perdida, relacionado à necessidade de posicionar-se diante do corpo sexuado e das escolhas amorosas. A chamada síndrome normal da adolescência procura descrever uma constelação dinâmica: busca de si, tendência grupal, necessidade de fantasiar e intelectualizar, crises religiosas, deslocação temporal, evolução sexual, atitude social reivindicatória, contradições, separação progressiva dos pais e flutuações de humor. O termo “*síndrome*” deve ser lido em seu contexto histórico e não como diagnóstico contemporâneo.

O luto pelo corpo infantil nasce do desencontro entre a rapidez das transformações e o tempo psíquico necessário para apropriá-las. Crescimento, caracteres sexuais secundários, menstruação, ejaculação, mudança da voz e redistribuição da forma corporal podem produzir estranhamento. O sujeito é visto de outro modo antes de reconhecer-se. A imagem especular perde estabilidade, e o corpo torna-se simultaneamente fonte de potência, vergonha, desejo e ameaça. A estatística brasileira sobre insatisfação corporal ganha aqui uma leitura não causal: ela sinaliza que a integração do novo corpo acontece sob forte comparação social e padrões estéticos desiguais.

O luto pela identidade e pelo papel infantis implica perder privilégios e proteções sem adquirir de imediato autonomia material e reconhecimento adulto. O adolescente é



convocado a decidir, mas frequentemente tem suas decisões invalidadas; é cobrado por responsabilidade, embora continue dependente. Essa moratória contraditória pode ser fecunda quando oferece espaço de experimentação. Pode tornar-se opressiva quando o jovem é compelido a definir prematuramente profissão, sexualidade, aparência, valores e projeto de vida como se a identidade fosse uma essência pronta.

O luto pelos pais da infância envolve desidealização recíproca. O jovem descobre limites, falhas e contradições parentais; os pais, por sua vez, precisam renunciar à criança dependente e às expectativas narcísicas depositadas nela. Aberastury e Knobel (1981) advertem que os pais também vivem perdas, e suas dificuldades podem intensificar o conflito. Controle excessivo, infantilização ou expulsão precoce da dependência são respostas defensivas adultas à autonomia emergente do filho. O processo saudável exige uma mudança de função: menos administração total da vida e mais disponibilidade firme para sustentar limites, diálogo e separação.

A reconstrução identitária não equivale a fabricar um Eu inteiramente novo. Ela reorganiza identificações. Elementos parentais permanecem, mas deixam de operar como modelos exclusivos; professores, amigos, grupos, artistas, ideias políticas, tradições religiosas e comunidades digitais passam a oferecer espelhos e linguagens. Freitas, Lima e Dias (2014) mostram que a busca de uma nova identidade se constrói consciente e inconscientemente. Esse movimento dialoga com a formulação de Winnicott:

A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, ideias para um modo de vida diferente. A sociedade precisa ser chacoalhada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis. (WINNICOTT, 1975, p. 198).

A passagem winnicottiana ressalta que identidade é continuidade transformada e criação. Se a separação fosse sinônimo de apagamento, o adolescente ficaria sem história; se a continuidade significasse repetição, não haveria autoria. O trabalho identitário sustenta uma tensão entre semelhança e diferença: reconhecer-se como alguém que recebeu nomes, desejos e marcas de outros, mas que pode atribuir-lhes novos sentidos.



Winnicott: Imaturidade, Ambiente e Possibilidade de Criar

Winnicott desloca a atenção da adaptação apressada para as condições ambientais que tornam o amadurecimento possível. A imaturidade não celebra irresponsabilidade nem ignora limites; ela reconhece que o jovem necessita de tempo para experimentar ideias, posições e vínculos sem ser obrigado a apresentar uma identidade concluída. Ao ambiente compete sobreviver à contestação, manter-se disponível e não retaliar a dependência que reaparece sob formas paradoxais.

A família suficientemente sustentadora não impede o conflito. Ela oferece continuidade enquanto o adolescente testa a permanência dos objetos e a realidade dos limites. Em termos winnicottianos, amadurecer não resulta de uma retirada abrupta do cuidado, mas de uma desadaptação gradual, proporcional à capacidade crescente do sujeito. Quando adultos abdicam de sua função para serem apenas amigos, o adolescente perde uma referência contra a qual diferenciar-se. Quando transformam toda discordância em ingratidão ou perigo, impedem a experimentação necessária.

A criatividade tem função central nesse percurso. Música, escrita, desenho, humor, estética, esporte e participação coletiva podem operar como espaços transicionais nos quais experiências ainda não plenamente representadas ganham forma compartilhável. A produção adolescente não deve ser julgada apenas por sua permanência. Identidades experimentais, mudanças de estilo e pertencas intensas podem constituir ensaios de existência. O critério clínico não é a estabilidade isolada, mas a presença de vitalidade, capacidade de vínculo, flexibilidade e possibilidade de retornar da experiência sem desorganização duradoura.

Erikson: Crise, Reconhecimento e Fidelidade

Erikson (1976) situa na adolescência o conflito psicossocial entre identidade e confusão de identidade. A crise, em sua teoria, não é sinônimo de colapso; designa um ponto decisivo de reorganização. O jovem procura estabelecer alguma continuidade entre aquilo que foi, o modo como se percebe, o reconhecimento que recebe e o futuro que imagina. A identidade emerge, portanto, do encontro entre história intrapsíquica e mundo social. Não basta sentir-se alguém; é necessário encontrar contextos nos quais esse modo de existir possa ser reconhecido e investido.



A moratória psicossocial oferece tempo socialmente protegido para experimentar compromissos antes de consolidá-los. Quando atravessa a crise de modo suficientemente integrado, o sujeito desenvolve a fidelidade: capacidade de sustentar valores e vínculos escolhidos sem anular a própria complexidade. A confusão de identidade pode aparecer como dificuldade persistente de ligar passado, presente e futuro, adesão rígida a identidades oferecidas por grupos ou sensação de não possuir lugar social possível. Tal formulação complementa a psicanálise ao mostrar que a elaboração das perdas depende também de oportunidades concretas de participação, educação, pertencimento e projeto.

A relação com os pares participa desse reconhecimento. O grupo funciona como continente, laboratório de papéis e instância de separação familiar. Gírias, roupas, gostos e códigos comuns criam uma pele coletiva temporária. A intensa conformidade ao grupo, embora pareça oposta à individualidade, pode constituir etapa intermediária: o jovem afasta-se do espelho parental apoiando-se em outros semelhantes, para depois diferenciar-se também deles. O risco surge quando o pertencimento exige violência contra si ou contra outros, elimina a dúvida e captura integralmente o julgamento pessoal.

Adolescência Contemporânea: Redes, Corpo e Sofrimento

O cenário contemporâneo acrescenta à reconstrução identitária uma exposição contínua à avaliação. Plataformas digitais oferecem pertencimento, informação e criação, mas também tornam quantificável a resposta do outro por curtidas, comentários, seguidores e métricas. A comparação já não se limita ao grupo próximo e pode ocorrer diante de corpos editados e performances cuidadosamente selecionadas. Em 2024, a Organização Mundial da Saúde para a Europa registrou sinais de uso problemático de redes sociais em 11% dos adolescentes pesquisados, com maior frequência entre meninas, 13%, do que entre meninos, 9% (WHO REGIONAL OFFICE FOR EUROPE, 2024). O dado não deve sustentar determinismo tecnológico, mas evidencia uma condição ambiental relevante.

No Brasil, as diferenças por sexo descritas na PeNSE 2024 são expressivas: tristeza frequente foi referida por 41% das meninas e 16,7% dos meninos; sensação de que a vida não valia a pena, por 25% e 12%, respectivamente; e vontade de se



machucar, por 43,4% e 20,5% (IBGE, 2026). Essas diferenças exigem considerar como normas de gênero distribuem autorizações, silenciamentos e pressões corporais. Meninas podem estar mais expostas à objetificação, à violência sexual e a ideais estéticos restritivos; meninos podem ser desencorajados a nomear vulnerabilidade, o que também afeta a forma de apresentação e detecção do sofrimento.

Em escala mundial, existem cerca de 1,3 bilhão de adolescentes, equivalentes a 16% da população global (UNICEF, 2024). A OMS estima que ansiedade acometa 4,1% daqueles entre 10 e 14 anos e 5,3% dos jovens entre 15 e 19; para depressão, as estimativas são 1,3% e 3,4%, respectivamente (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2025). Esses dados descrevem condições clínicas, enquanto os indicadores da PeNSE captam sentimentos e comportamentos autorreferidos. Não são medidas equivalentes e não devem ser somadas ou convertidas em diagnóstico.

A clínica psicanalítica deve escutar o sintoma em sua dupla condição: ele pode comunicar impasses do trabalho de luto e, ao mesmo tempo, exigir intervenção protetiva imediata. Ideação suicida, autolesão, isolamento progressivo, recusa alimentar importante, uso nocivo de substâncias, violência, prejuízo escolar acentuado ou perda persistente da capacidade de sentir prazer não podem ser normalizados como “coisas da idade”. A compreensão simbólica não substitui avaliação de risco, articulação com responsáveis e rede de saúde, nem cuidado interdisciplinar quando indicado.

A escuta clínica pode favorecer a passagem da atuação à representação. Nomear a perda do corpo conhecido, a decepção com os pais, a vergonha diante dos pares ou o medo de não encontrar lugar permite que experiências antes evacuadas no corpo ou no comportamento ingressem em uma narrativa. O analista não fornece uma identidade pronta nem se coloca como novo ideal absoluto. Sustenta um espaço no qual contradições possam coexistir e no qual o adolescente se aproprie de suas escolhas, reconhecendo determinações sem reduzir-se a elas.

Escola e família também podem exercer função simbolizante. Isso requer escutar sem interrogatório, estabelecer limites justificáveis, preservar alguma privacidade e manter presença previsível. A autonomia deve ser progressiva e acompanhada por responsabilidade compatível com a idade e as condições do jovem. Em vez de exigir que ele volte a ser a criança conhecida ou se torne imediatamente adulto, o ambiente pode reconhecer o intervalo: um tempo em que perder e construir ocorrem simultaneamente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações corporais, familiares e sociais da adolescência mobilizam processos de luto porque tornam insuficientes antigas formas de investimento, dependência e reconhecimento. O corpo infantil, os papéis da infância e os pais idealizados não desaparecem materialmente, mas perdem sua função anterior. A identidade reorganiza-se à medida que essas perdas são simbolizadas e que novas identificações, pertencças e escolhas podem ser investidas. O luto pela infância é, nesse sentido, condição para que a infância seja conservada como história, e não repetida como posição.

Freud permite compreender o caráter laborioso do remanejamento libidinal; Anna Freud evidencia as defesas e oscilações mobilizadas pelo aumento das exigências pulsionais; Aberastury e Knobel nomeiam os lutos centrais; Winnicott afirma o valor da imaturidade e a responsabilidade do ambiente; Erikson inscreve a crise identitária na relação entre continuidade subjetiva e reconhecimento social. Em conjunto, esses aportes mostram que a autonomia não nasce da ausência de dependência, mas de sua transformação gradual.

Os indicadores atuais revelam sofrimento expressivo, sobretudo entre meninas, e acentuada insatisfação corporal. Eles não demonstram que o luto adolescente seja patológico, mas lembram que sua elaboração ocorre sob pressões concretas. A tarefa clínica, familiar, escolar e social é oferecer condições para que o jovem transforme estranhamento em palavra, perda em memória e experimentação em autoria. A questão decisiva não é eliminar a crise, mas impedir que o adolescente precise atravessá-la sem vínculos, sem reconhecimento e sem futuro imaginável.

Conclui-se que reconstruir a identidade não significa alcançar uma definição final de si. Significa adquirir suficiente continuidade interna para mudar sem sentir que toda mudança equivale a desaparecer. Quando a infância pode ser pranteada, narrada e integrada, ela deixa de funcionar como refúgio obrigatório ou como vergonha a ser negada. Torna-se fundamento de uma história que o adolescente começa, progressivamente, a assinar em nome próprio.



REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ERIKSON, Erik H. Identidade, juventude e crise. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREITAS, Elisa Aires Ribeiro; LIMA, Maria Celina Peixoto; DIAS, Carolina Maria de Souza. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139-157, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 7 set. 2026.

FREUD, Anna. O ego e os mecanismos de defesa. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194. (Obras completas, v. 12).

FREUD, Sigmund. O romance familiar dos neuróticos. In: FREUD, Sigmund. Obras completas: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 419-424. (Obras completas, v. 8).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. Obras completas: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172. (Obras completas, v. 6).

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2026. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 set. 2026.

MEDEIROS, Alana Alves et al. Aproximações entre luto e adolescência. Revista da SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 129-141, 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 7 set. 2026.

UNICEF. Adolescent demographics. New York: UNICEF Data, 2024. Disponível em: <https://data.unicef.org>. Acesso em: 7 set. 2026.



WINNICOTT, Donald W. Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: WINNICOTT, Donald W. O brincar e a realidade. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 187-202.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Mental health of adolescents. Geneva: WHO, 1 Sept. 2025. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 7 set. 2026.

WHO REGIONAL OFFICE FOR EUROPE. Teens, screens and mental health. Copenhagen: WHO, 25 Sept. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/europe>. Acesso em: 7 set. 2026.

SOBRE A AUTORA:

Sarah Munhoz, Psicanalista Clínica e Infantil. Especialista em Análise e Interpretação do Desenho – Testes Projetivos e Sandplay Therapy – Psicologia Analítica. Cursos de aprofundamento nas áreas da Psicologia aplicada à teoria psicanalítica. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Neuropsicologia, transtornos depressivos e ansiosos e PNL. Co-Autora de duas obras ambas publicadas pela (Wak Editora).

ENDEREÇO POR CORRESPONDÊNCIA:

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista, Limeira - São Paulo-SP
Cep: 13.484-050
E-mail: salvessac26@gmail.com